

6. Violência na família, na escola e na comunidade e relações afetivo-sexuais

Simone Gonçalves de Assis
Renata Pires Pesce
Maria Cecília de Souza Minayo
Thiago de Oliveira Pires
Raquel Vasconcelos Carvalhaes de Oliveira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ASSIS, SG., . Violência na família, na escola e na comunidade e relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, MCS., ASSIS, SG., and NJAINE, K., orgs. : um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 153-182. ISBN: 978-85-7541-385-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](#).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](#).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](#).



VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA, NA ESCOLA E NA COMUNIDADE E RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS

Simone Gonçalves de Assis

Renata Pires Pesce

Maria Cecília de Souza Minayo

Thiago de Oliveira Pires

Raquel Vasconcelos Carvalhaes de Oliveira

Neste capítulo, abordamos a presença da violência nos diferentes contextos de vida do adolescente: a escola, a comunidade e a família, considerando as violências sofridas, praticadas e testemunhadas por ele. Ressaltamos também a relação de convivência com a violência nesses contextos e as distintas formas de sua expressão nas relações afetivo-sexuais mais recentes.

Os dados analisados neste capítulo apontam para uma imbricação entre as diferentes formas de violência que encontramos, sugerindo que existe um ciclo de vitimização e de perpetração. Entender o processo de reincidência de violência na adolescência implica considerá-la aderida à condição habitual de vida para muitos jovens, portanto, como um padrão cultural e não apenas como uma sucessão de eventos que se repetem. Significa, ainda, um esforço de tentar apreender as interfaces existentes entre os distintos modelos teóricos apresentados no capítulo 4, observando especificamente os fatores individuais, familiares, comunitários e macrossociais que se mesclam na vida do jovem e fundamentam a forma como ele conduz suas relações interpessoais, sociais e suas ações.

Para crianças e adolescentes, viver em uma família ou em uma comunidade violenta se constitui em aprendizado sobre como se comunicar e sobre como agir nas relações cotidianas que sempre exigem enfrentamento e tomada de decisões. As experiências permanentes de situações agressivas se traduzem no estímulo a relacionamentos conflituosos e no aprendizado do uso da violência para obter poder e para amedrontar os outros. Por sua vez, esse comportamento aprendido e aceito passa a interferir significativamente no lugar que o jovem ocupará na rede social e no seu desempenho nas relações afetivo-sexuais (Furman, Brown & Feiring, 1999). Algumas falas ouvidas nas entrevistas e nos grupos focais ressaltam como os padrões de comportamento violentos influenciam os relacionamentos dos adolescentes:

Se a pessoa está acostumada a ver violência por parte dos pais acontecer no lar, onde ele nasceu e cresceu, ela tem uma tendência fortíssima a agir daquela forma, como se fosse natural. (Homem, escola pública, Teresina)

Porque eu já vi muita coisa, teve três pessoas na minha família que já passaram por isso [violência com parceiros íntimos]. Eu estou tentando evitar isso; se tiver que passar, ele [o parceiro] vai passar, mas eu não passo, não! (Mulher, escola pública, Belo Horizonte)

Também a violência na escola e na localidade em que vivem os jovens limita as relações sociais ali desenvolvidas. Constatamos em nossas visitas às escolas que muitas possuíam cadeados nos portões e seguranças. Os relatos de campo de três escolas públicas, situadas em Manaus, Rio de Janeiro e Cuiabá, respectivamente, ilustram dificuldades comuns enfrentadas no país como um todo, onde a segurança pública é precária ou entregue em mãos de grupos criminosos:

Na hora do intervalo, o portão não é aberto como medida de segurança, o que parece contradizer toda a tranquilidade do local. O discurso [e a aparência] parecem confirmar que 'para lá' [além da escola] há violência no bairro.

Um dos meninos que participou da entrevista me contou que a região melhorou muito com a presença das milícias. Disse que a comunidade paga uma taxa, mas que esse dinheiro realmente é convertido para benefício da comunidade. Por exemplo, ele disse ter uma lan house disponível para os moradores, serviços de atendimento médico e dentário pela associação da comunidade, e o parque da região está sempre limpo e conservado. Existe ainda incentivo para prática de esportes.

O bairro em que a escola se situa é considerado violento, e os moradores, através de manifestações formais e de passeatas, reivindicam segurança. Recentemente, escolas do bairro fecharam suas portas por um dia, por terem recebido ameaças de bandidos. Entregadores de pizzas, de medicamentos, de telemensagens e até taxistas não aceitam atender pedidos quando o endereço é este bairro. O bairro também fica próximo ao presídio.

A convivência com a violência cotidiana nos ambientes de socialização dos jovens não pode, de maneira alguma, ser vista como tendo relação direta com o surgimento de comportamentos violentos nesses indivíduos. O depoimento do estudante de Belo Horizonte ressalta a experiência familiar e o medo da repetição de um padrão indesejado de violência relacional; mas, ao mesmo tempo, ressalta igualmente o firme propósito de superar esse tipo de problema que certamente não é inevitável nem sem saída (Brooks, 1994; Emery & Forehand, 1996; Garmezy, 1985).

Eu perdi o meu pai bem cedo e minha mãe nunca foi casada com meu pai. Eu tinha um padrasto e rolava muito conflito entre eles dois, rolava violência e tal, mas nem por isso influenciou nada em cima de mim, sobre o que eu penso e sobre o que eu acho. Porque eu odeio violência para atingir mulher, violência entre homem e mulher e vice-versa. Então o que eu acho é que mulher a gente trata com carinho, com amor e não com violência, a tapas, nem com brigas, falando alto, nada disso. (Homem, escola pública, Brasília)

A perspectiva resiliente apresentada pelo jovem em seu depoimento foi também observada por um pesquisador que visitou uma escola pública de Manaus; nesse espaço

educacional, procura-se oferecer subsídios aos alunos e a suas famílias para superarem a violência intrafamiliar, na comunidade e na escola:

A escola já foi indicada pela Unesco por desenvolver atividades bem-sucedidas na superação da violência entre alunos e em seu entorno. Contudo, demonstra viver dificuldades grandes ainda relacionadas a isso. Situa-se em um bairro de grande risco, pouca efetividade na ação policial e um ponto de tráfico na praça ao lado da escola.

Então não podemos deixar de ressaltar que, ainda que a violência sofrida ou testemunhada pelo jovem nos seus contextos de vida seja fator potencialmente prejudicial a sua saúde e qualidade relacional, a percepção desse tipo de violência pode ser alterada positivamente ou negativamente conforme a criança disponha de mecanismos capazes de potencializar ou atenuar as consequências dessa exposição.

Além das circunstâncias que o ambiente comunitário, social e familiar promove, existem fatores estruturais (sexo, faixa etária, arranjo familiar) e conjunturais (autoestima, rede de apoio social) que se entrelaçam e moldam o estado emocional de um adolescente ante as vivências adversas.

Para facilitar a compreensão dos resultados da pesquisa, apresentamos inicialmente uma descrição dos tipos de violências sofridas, praticadas e testemunhadas pelos jovens no ambiente escolar, comunitário e familiar.

O JOVEM NO AMBIENTE COMUNITÁRIO

Contextualizamos o jovem em seu ambiente comunitário, incluindo a escola como espaço fundamental de seu convívio. Como já descrito no capítulo inicial deste livro, histórica e socialmente a juventude é considerada uma fase da vida marcada por certa instabilidade própria das mudanças físicas, psicológicas e de desprendimento da família. Dependendo das condições em que os adolescentes vivem, determinados problemas sociais se acirram e se tornam muito mais agudos e se expressam no convívio com a família, a comunidade e a escola. É o caso do uso de drogas, dos conflitos com os pais, da gravidez precoce, do envolvimento em atos infracionais, dentre tantos outros (Pais, 1993; Sposito, 1994; Sposito & Carrano, 2003).

Ressaltamos que a violência na comunidade deve ser pensada junto com a coexistência de condições de risco que interferem diretamente na saúde dos jovens. A revitimização é comum em uma criança com vivência de violência no contexto da comunidade, não raro estando exposta também à vitimização no ambiente doméstico ou escolar. A revitimização em distintos ambientes sugere que a violência é de certa forma aprendida e, portanto, poderia ser reproduzida nos contextos em que vivem os adolescentes, inclusive nas relações afetivas. O processo de revitimização, conforme será enfatizado ao longo do capítulo, tem alto potencial de causar danos ao desenvolvimento, uma vez que o acúmulo de experiências adversas aumenta as chances de os jovens virem a manifestar problemas emocionais e comportamentais ao longo da vida (Rutter, 1979; Sameroff, 2000).

Em vários países, estudos sobre o desenvolvimento infantojuvenil têm enfatizado as relações com a comunidade nas quais os jovens nasceram e vivem, já que a compreensão do adolescente em seu contexto sociocultural proporciona uma percepção mais integral desse indivíduo, com suas múltiplas influências vividas. Desde que nasce, a criança sofre influência do ambiente de sua casa, da sua creche ou escola, dos seus amigos e da vizinhança. Todos esses fatores estão relacionados uns aos outros e organizados segundo valores e ideologias dominantes da cultura (Cole & Cole, 2003).

Estudo com crianças do município de São Gonçalo (RJ) mostrou claramente a coocorrência de violências em diferentes contextos da vida delas, permitindo inferir que meninos e meninas que sofrem agressões em determinado ambiente têm maior probabilidade de vitimização em outros contextos. Por exemplo: a criança vítima de violência no seu lar se mostra mais propensa a ser vitimizada na comunidade e na escola (Pesce, 2009).

Abordamos, em primeiro lugar, as formas de violências sofridas na escola e na comunidade e, em segundo, os tipos cometidos pelos entrevistados, mesmo sabendo que os lugares de vítima e agressor frequentemente se mesclam e se alternam. Em seguida, relacionamos os resultados obtidos no contexto escolar e comunitário com a violência que ocorre nas relações afetivo-sexuais.

Violências sofridas pelos jovens na escola e na comunidade

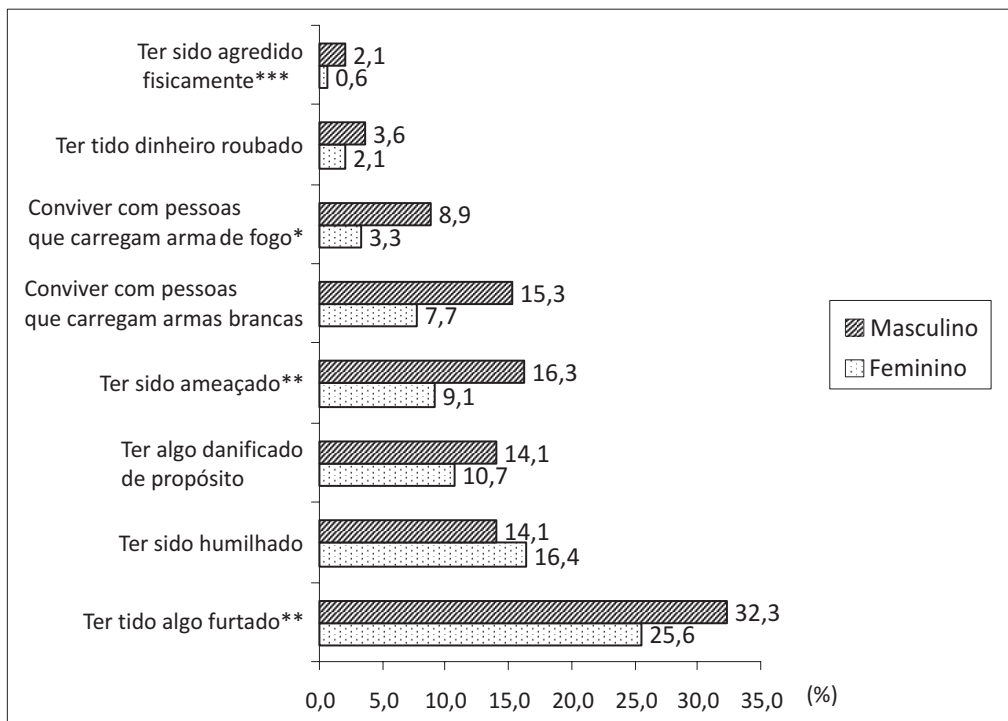
Existe hoje uma extensa literatura e um intenso debate a respeito da violência que os jovens sofrem e praticam na comunidade e na escola. Estudos brasileiros vêm mostrando que há uma conexão entre a violência na ‘escola’, a violência que acontece no ‘bairro’, no interior da ‘família’, e a que é provocada pelas condições estruturais de pobreza, de deficiência educacional, de baixa qualidade de vida e de falta de oportunidades de trabalho (Cardia, 1999; Candau, 1999; Guimarães, 1996; Njaine & Minayo, 2003; Ristum, 2001).

Dados de amostra representativa dos adolescentes escolares de São Gonçalo (RJ) indicam que metade deles já viu alguém ser ferido gravemente; um em cada três já enfrentou situação de perigo e de insegurança na vizinhança e 12,7% tiveram suas casas arrombadas ou roubadas (Assis, Pesca & Avanci, 2005). Abramovay (2002), avaliando estudantes brasileiros, considera que o medo, a exposição à violência e a participação ativa em atos violentos e no tráfico de drogas estão presentes na atual geração de jovens brasileiros. E o primeiro capítulo deste livro mostra a relevância que a violência ou o medo dela têm nas vidas da juventude brasileira. Existências ceifadas não são exclusividade dos estratos pobres. Estudo realizado em dez escolas de grandes cidades norte-americanas mostra que a vitimização de jovens na escola é frequente: 30% dos homens e 16% das mulheres relataram já ter sofrido furto no ambiente estudantil ou nas proximidades e dois terços já presenciaram agressões verbais e físicas (Elliott, Hamburg & Williams, 1998).

Revisão ampliada de estudos sobre o tema mostra que pesquisadores que investigam a violência urbana vivenciada por jovens constatarem que mais de 70% deles foram testemunhas de cenas de violência na comunidade (Phelps, McCart & Davies, 2002). As altas prevalências desses episódios tornam-se ainda mais preocupantes quando as pesquisas associam a exposição à violência nas comunidades a uma série de consequências negativas físicas, sociais, emocionais e comportamentais para o desenvolvimento do jovem (Henrich *et al.*, 2004).

Neste estudo, constatamos que as duas formas de violência mais vivenciadas pelos entrevistados na escola são: ter objetos furtados (28,1%) e ser humilhado (15,5%). O Gráfico 19 revela que os garotos apresentam mais relatos de violência sofrida na escola em relação às meninas. Eles são mais ameaçados, agredidos fisicamente, vitimizados por furto e ainda convivem mais com pessoas que carregam armas de fogo.

Gráfico 19 – Violências sofridas na escola por jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras



* $p < 0,001$.

** $p < 0,01$.

*** $p < 0,05$.

Frequentemente, a violência sofrida pelo jovem na escola é perpetrada por um colega do próprio grupo de amigos ou que faz parte de grupos rivais. Sentimento de lealdade para com alguém costuma ser o estopim de discussões e agressões:

Nosso colega foi até expulso da escola. Um rapaz da outra sala agrediu a irmã dele. Quando ele viu, ele saiu correndo, pegou uma cadeira e tacou nas costas do menino. O garoto caiu no chão. Ele

começou a cobrir o menino de porrada. As meninas chorando, ele chorava também de raiva, que o menino tinha agredido a irmã dele. (Homem, escola pública, Manaus)

Na pesquisa, algumas diferenças surgem entre os jovens que estudam nas escolas públicas e particulares no que se refere a: ter sido ameaçado na escola, mais relatado pelos primeiros (15,4% *versus* 8,5%); conviver com pessoas que usam armas brancas na escola (14,5% dos que estudam no ensino particular contra 9,2% dos que estão no ensino público); e ter sido humilhado, que também é mais frequente entre alunos do ensino particular (19,6% *versus* 14,1%).

Sposito (2001) tece uma interessante reflexão sobre a relação entre jovens mais desfavorecidos socialmente e violência escolar, criticando a tendência de se igualar pobreza e violência e de se considerar que os atos de violência que atingem a unidade escolar ou que nela ocorrem são uma expressão direta da situação de miséria. Os dados por nós encontrados na pesquisa e em outros trabalhos anteriores (Assis, Pesce & Avanci, 2005; Claves, 2003) nos levam a concluir que há mais similaridades do que diferenças entre estudantes das duas redes no que se refere à violência escolar. Assim, eles desmistificam a relação direta entre pobreza e violência escolar. Vale lembrar que existem muitas escolas situadas na periferia das grandes cidades (áreas de grande pobreza) que têm poucos episódios de violência em seu interior; e várias escolas particulares que atendem jovens de estratos sociais altos ou médios que convivem com ocorrências cotidianas de violência.

Esse raciocínio, todavia, não se coaduna com o senso comum que insiste em aferir ao outro, mais pobre e ‘diferente’, o *status* de mais violento. O diálogo a seguir sobre episódios de violência comunitária, entre rapazes estudantes de uma escola pública estadual de Belo Horizonte, ao opinarem sobre uma escola municipal da mesma área, é um exemplo de tal preconceito:

- *No colégio municipal lá do meio das favelas, beirando no fim do mundo.*
- *Eu acho que acontece muito!*
- *Você já estudou num colégio desse?*
- *Não, mas eu estou falando que aqui pode acontecer, mas lá acontece muito mais, com certeza.*
- *Não, com certeza. Mas é só não ir pra lá.*
- *As histórias lá [escola municipal] você fica assim, putz... (Diálogo em grupo focal)*

O cara leva um canivete, já vi isso, já, por causa de negócio de namoro de mulher, só que não fez nada. Eu acho que estava de cabeça quente na casa dele, ‘ah, vou levar uma faca’. Levou, só que não fez nada, não.

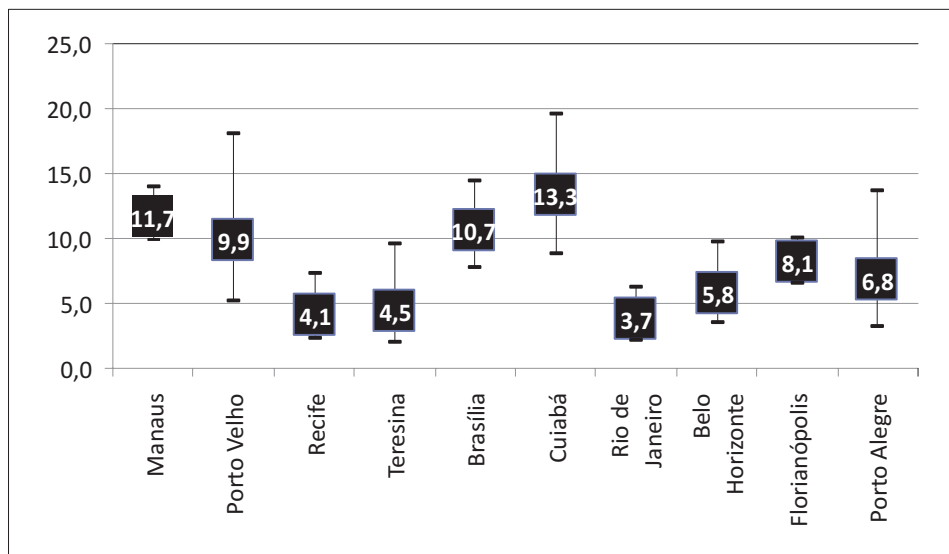
Lá [na escola municipal] já mataram um cara. Tem muito tempo, tem uns sete anos. O cara foi lá no meio do recreio, chegou, pegou a faca e cortou o pescoço do cara no meio do colégio.

Minha mãe trabalha em colégio de gente carente, muito carente mesmo. Sabe, ela vê demais isso também, só que eu tô falando que não é só lá.

Isso pode ser mais fácil de encontrar é lá. É, mas você vai [na escola particular], não vai acontecer lá. Não vai. É difícil, entendeu, mas pode acontecer.

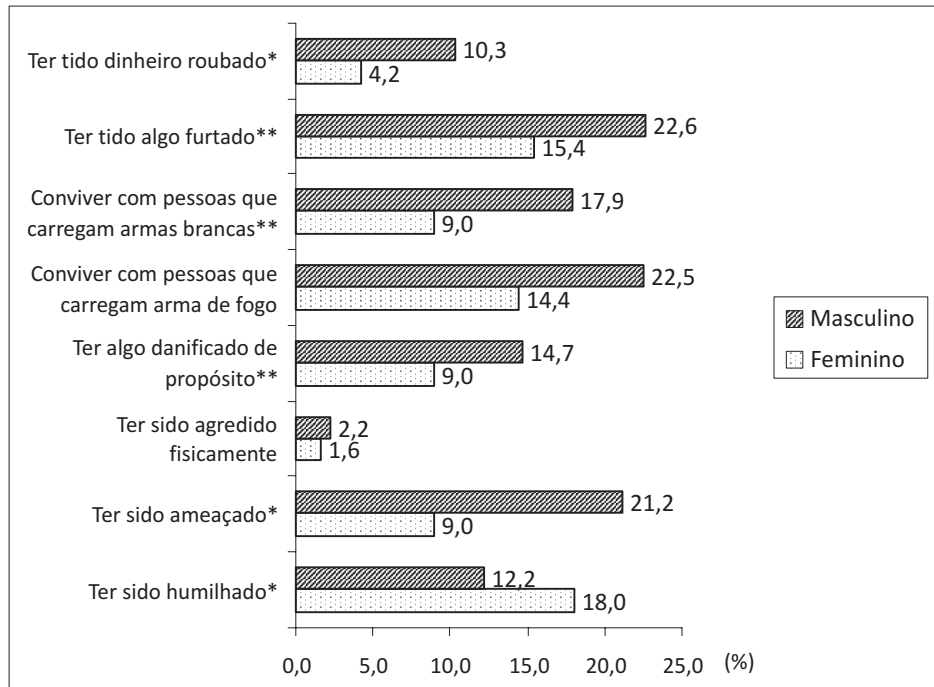
Observamos algumas distinções em relação às cidades analisadas: jovens de Brasília, Cuiabá e Manaus se destacam por nomearem as mais variadas formas de violência sofridas por garotos e garotas na escola. No item ‘andar com alguém que usa arma de fogo na escola’, constatamos que os jovens das cidades da região Norte e do Centro-Oeste se destacam (Gráfico 20). Estudo nacional realizado por Batista e El Moor (1999) já havia comprovado que o Distrito Federal é a localidade onde 58,6% dos professores relatam índices mais altos de agressões a alunos dentro da escola.

Gráfico 20 – Jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras que andam com alguém que usa arma de fogo na escola



O Gráfico 21 apresenta os mesmos atos de agressão vivenciados pelos jovens, desta vez na localidade em que vivem. Podemos verificar que ter sido furtado na ‘comunidade’ é a violência mais sofrida (18,1%), seguida de perto pela convivência com pessoas que carregam arma de fogo e por ser humilhado. Meninas dizem mais ser humilhadas na comunidade que os meninos. Outras formas de violência sofridas na comunidade são mais relatadas pelos meninos: ter sido ameaçado, ter tido algo danificado de propósito, ter convivido com pessoas que carregam armas brancas, ter tido algo furtado e ter tido dinheiro roubado.

Gráfico 21 – Violências sofridas pelos jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras na comunidade em que vivem



* $p < 0,001$.

** $p < 0,01$.

A predominância dos garotos como vítimas da violência na escola e na comunidade indica também sua maior proximidade com situações perigosas no espaço extrafamiliar, o que culturalmente faz parte da socialização masculina. Estudos sobre gênero e violência frequentemente mostram o predomínio do sexo masculino em relação à vitimização nos contextos escolar e comunitário (American Psychiatric Association, 1994), justificado pela maior exposição masculina a fatores de risco individuais, familiares e socioculturais.

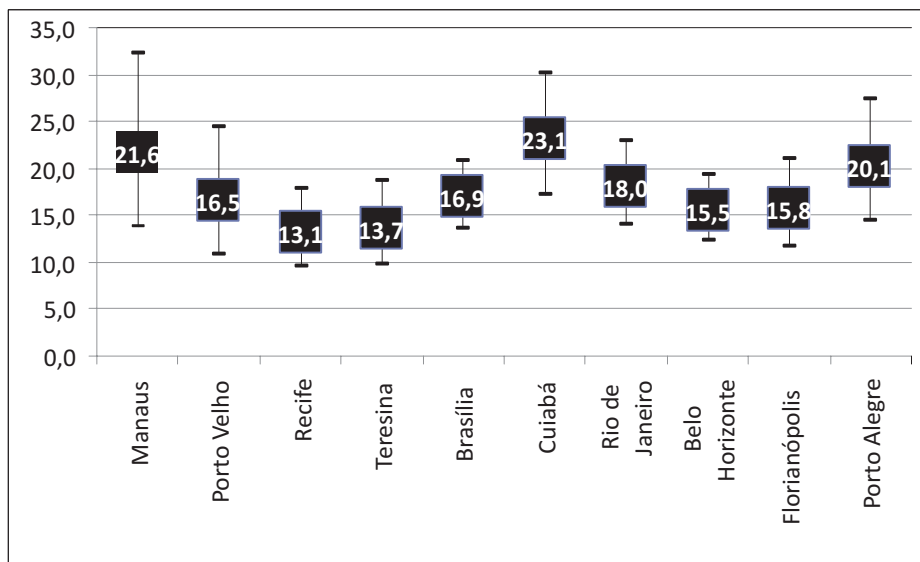
Para Carlson e Grant (2008), além de os rapazes estarem mais expostos à violência, eles reagem com mais ímpeto aos problemas e provocações e adotam, com maior frequência, estratégias mais internas para lidar com tais situações, como ruminar os problemas silenciosamente. As meninas se estressam menos, sobretudo porque exteriorizam mais seus sentimentos, lidando melhor com as adversidades. A capacidade de externalizar sentimentos e de buscar apoio social pode moderar a exposição à violência.

Jovens das escolas das redes pública e privada convivem de forma similar com a violência na comunidade. Todavia, os que estudam em escola pública (15,4%) sofrem mais ameaças em relação aos das escolas particulares (8,5%). Pesquisa domiciliar realizada na cidade do Rio de Janeiro revelou resultado oposto no que se refere às ameaças: os jovens dos estratos privilegiados (A e B) relataram maior número de ocorrências de ameaças e de agressões físicas do que os de origem popular (Minayo *et al.*, 1999).

Alta prevalência de episódios de violência na comunidade é relatada pelos jovens de Manaus. Maiores percentuais dos que moram nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (com exceção dos de Brasília) referem sofrer humilhações na comunidade mais do que os das demais regiões.

O Gráfico 22 mostra a distribuição de jovens que informaram andar com pessoas que carregam arma de fogo na comunidade em que vivem, sobressaindo os que vivem em Cuiabá, Manaus e Porto Alegre. De forma geral, verificamos que existe elevado número de jovens que, em fase ainda inicial da vida, já convivem com pessoas que usam armas de forma banal.

Gráfico 22 – Jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras que andam com alguém que usa arma de fogo na comunidade



Estudo realizado por Malik (2008) constatou que a exposição de jovens da cidade de Los Angeles à violência na comunidade e o seu consequente envolvimento são maiores do que a exposição à violência doméstica. A exposição à violência na comunidade foi mensurada por itens como testemunhar práticas violentas na comunidade ou ficar sabendo delas, enquanto o envolvimento com a violência considerava tanto perpetração como vitimização na comunidade. Meninos reportam tanto exposição quanto envolvimento de forma substancialmente maior em relação às meninas, ao passo que não foi constatada diferença entre os sexos para exposição à violência familiar. Consistente com o padrão de vitimização e perpetração de homicídios, meninos mostram-se mais vulneráveis a serem vítimas e perpetradores de violência na comunidade (Singh, Kochanek & MacDorman, 1996).

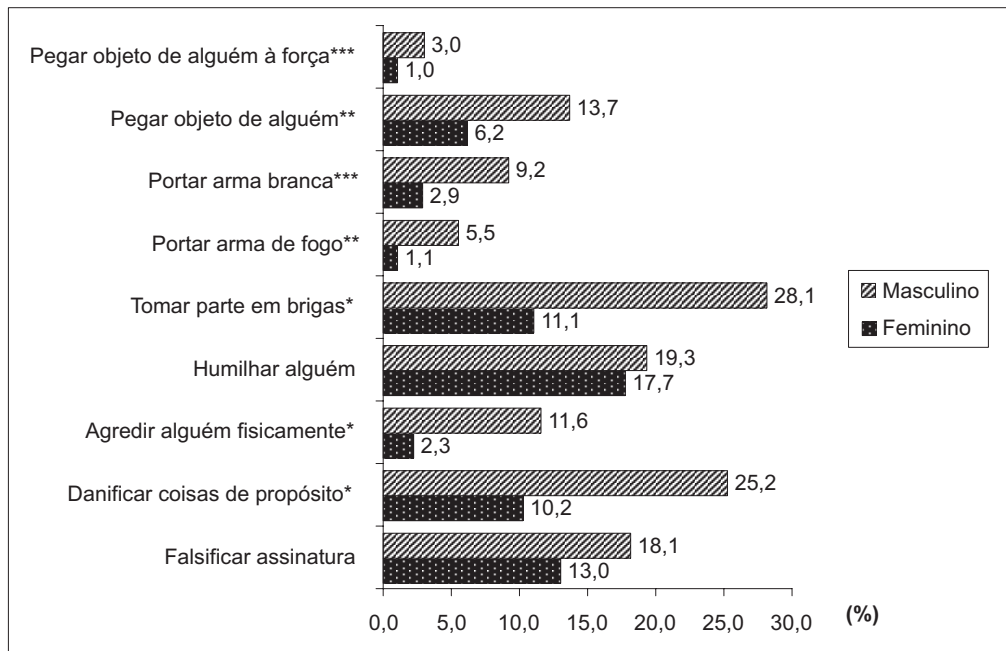
O relato de um rapaz sobre a atitude de seu grupo ao presenciar uma tentativa de violência sexual na comunidade em que vive indica como, para o grupo, por vezes é necessário utilizar violência para combater violência.

Uma vez, meus colegas agrediram um cara, porque viram ele estuprando uma menina. Queria forçar ela a fazer sexo com ele e a menina não queria, e ele querendo forçar numa casa. Viu passando na hora, me falaram, e ele estava lá tentando forçar a menina, ele já estava arrancando a roupa dela e ela gritando socorro! Foram lá, pegaram o cara, bateram nele, amarraram o cara num pau! E a menina correu. Se não fosse meus colegas chegarem, ele tinha estuprado ela. (Homem, escola pública, Manaus)

Violências praticadas pelos jovens

Adolescentes do sexo masculino revelaram participar, no último ano, de várias práticas de transgressão, com muito maior frequência que as meninas (Gráfico 23). As principais infrações citadas são: danificar coisas de propósito, agredir alguém fisicamente, tomar parte em brigas, portar arma de fogo, pegar objeto de outros, carregar arma branca e pegar objeto de alguém à força.

Gráfico 23 – Violências perpetradas pelos jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras na comunidade em que vivem



* $p < 0,001$.

** $p < 0,01$.

*** $p < 0,05$.

Os dados resumidos no Gráfico 23 dizem respeito a infrações que vêm sendo analisadas em vários trabalhos. Pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) com jovens de Brasília, na década de 1990, indicou que os meninos estão mais envolvidos do que as meninas em situações de agressões físicas, discussões e ameaças ou intimidações no interior da escola. As discussões foram apontadas como o tipo de conduta mais frequente entre os entrevistados: 55% deles

se envolviam com esse tipo de prática muitas vezes ou às vezes, com pouca diferença entre meninos e meninas. Já as ameaças e intimidações envolveram mais os meninos do que as meninas. As agressões físicas, embora apontadas com menor frequência, foram citadas principalmente pelos meninos (Waiselfisz, 1998). Também Pesce (2009), ao pesquisar relações entre comportamento agressivo e transgressor na infância e violências contra criança na família, na escola e na comunidade, observou que os meninos tendem a manifestar mais esses comportamentos em comparação com as meninas, além de sofrerem e testemunharem mais violências nesses contextos. Portanto, concluímos que existe uma relação estreita entre experiências de violência e comportamento agressivo e transgressor em jovens, especialmente do sexo masculino.

Em alguns momentos do trabalho de campo nas escolas, constatamos atos agressivos entre os jovens, entremeados com um ambiente em que se transpira contenção e descaso, a exemplo do que aconteceu em uma escola de Cuiabá:

Durante o recreio, presenciamos brincadeiras bastante violentas entre os alunos, tipo corredor de chutes e socos). Existe muito barulho e correria. A porta da frente tem grades e cadeados. As paredes dos corredores são pichadas.

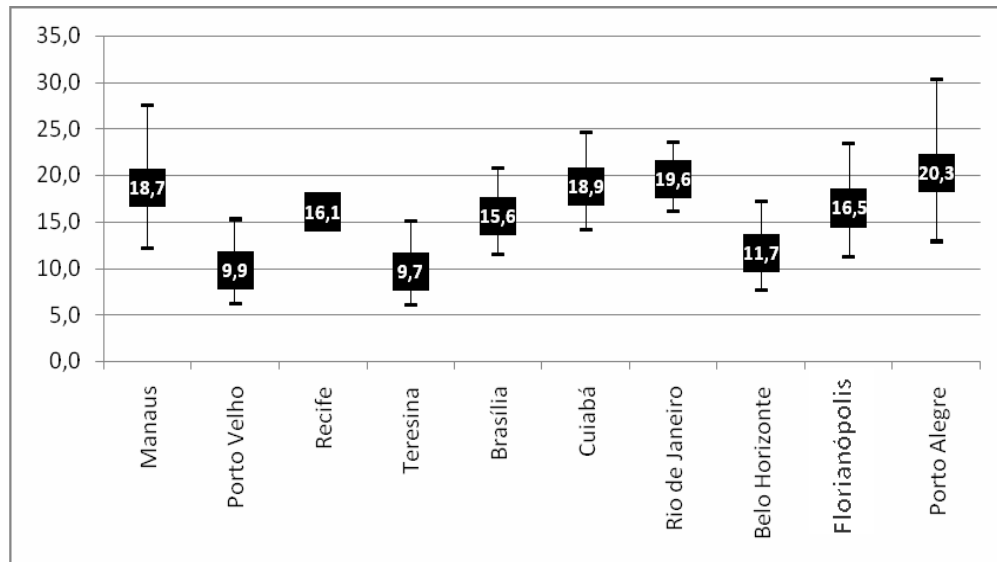
A frequência da maioria dessas práticas sinalizadas no Gráfico 23 é mais elevada nas escolas da rede particular, com exceção de portar arma de fogo, tomar parte em brigas e agredir fisicamente outra pessoa. Analisando as práticas violentas nas escolas no Brasil, Sposito (2001) aponta para um padrão de sociabilidade marcado por agressões físicas e emocionais nesse ambiente. Elas são extensivas a todas as regiões e igualmente à rede de estabelecimentos situados em áreas pobres ou de moradia das elites. A autora chama a atenção para o fato de que mesmo sabendo que práticas violentas são disseminadas universalmente, o discurso acadêmico tende a atribuir os comportamentos agressivos a grupos juvenis pobres, responsabilizando-os fortemente.

Estudo realizado por Codo e Menezes (2001), que examinou as relações entre a qualidade do ensino em escolas públicas e privadas no Brasil, observou que o registro de violência atingindo alunos, professores e funcionários foi diferenciado entre as duas redes: para o 5º ano da rede pública, a frequência foi de 14,5%, e na particular, 2,4%; no 9º ano, os índices são mais altos sobretudo na rede pública, alcançando 24,3%, e nas escolas particulares, somente 2,6%; na 3ª série do ensino médio, as escolas públicas registram 23,1% de ocorrências, e as privadas apenas 3,2%. Os registros de depredações, furtos e roubos também indicam maior intensidade nas escolas públicas.

No que se refere à distribuição entre as cidades pesquisadas, Brasília, Porto Alegre e Florianópolis destacam-se como as que apresentam maiores taxas de práticas violentas. O porte de arma de fogo foi maior na cidade de Cuiabá, com 5,2% dos adolescentes dizendo que as carregam.

O Gráfico 24 apresenta informações sobre jovens que tomam parte em brigas promovidas ou revidadas por seu grupo. Em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Cuiabá e Manaus, essas formas de agressão são mais frequentes.

Gráfico 24 – Tomar parte de brigas entre pares, segundo jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras



Estudo realizado por Souza e Lima (2006) indica que Porto Velho, Macapá, Vitória, Rio de Janeiro e Cuiabá são as capitais com os maiores indicadores de violência intencional – elevadas taxas de homicídios e de lesões corporais. Enquanto isso, Teresina, Fortaleza, João Pessoa, Salvador, Curitiba e Goiânia apresentam mais baixas taxas de homicídios e de lesões corporais. Recife se destaca por seu comportamento *sui generis*: elevada taxa de homicídio e baixa taxa de lesões corporais.

A prática de crimes e delitos por jovens tem sido bastante relacionada à exposição à violência, tanto no contexto comunitário quanto no familiar. Voisin e colaboradores (2007), por exemplo, investigando amostra de adolescentes detentos, observaram que 76,3% deles eram expostos a pelo menos uma forma de violência nos locais em que vivem. Em comparação com adolescentes que não revelaram exposição à violência na comunidade, os jovens expostos mostram maior frequência de comportamentos autodestrutivos, uso de maconha e álcool e manifestação de comportamentos agressivos e depressão. Existem ainda diversos estudos que corroboram a evidência da relação entre a presença de violência na comunidade e a perpetração de violência na adolescência (Mazza & Reynolds, 2004; Voisin, 2003, 2005).

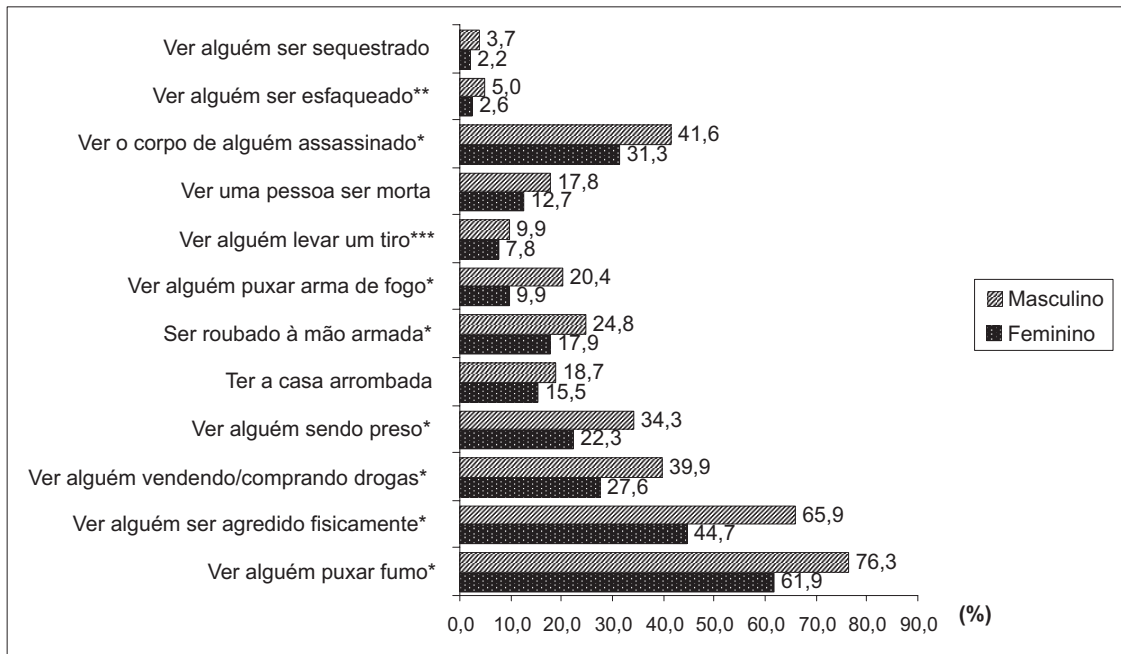
Em relação ao contexto familiar, os estudos investigam a agressão como uma forma de reação aos maus-tratos sofridos no ambiente doméstico (Jaffe, Wolfe & Wilson, 1990; Magalhães, 1995; Cardoso Mello, 1999; Meneguel, 1996). Para Jaffe, Wolfe e Wilson (1990), pais que utilizam a violência como forma de punição estão mostrando a seus filhos que essa é a forma de proceder ante o mundo. O comportamento dos jovens seria reflexo de seu relacionamento com pessoas significativas.

Convém ressaltar que apresentar comportamentos transgressores e vivenciar situações de violência na infância, seja na família, seja na comunidade, não têm relação causal direta e exclusiva entre si. No entanto, fatores individuais, escolares e comunitários não propícios ao bom desenvolvimento sociocultural e emocional contribuem para a cultura da violência.

Violências testemunhadas pelos jovens

Ressaltamos que mais da metade dos jovens pesquisados já viu alguém ‘puxar fumo’ e ser agredido fisicamente no seu espaço de convívio social (Gráfico 25). Os garotos, além de serem as vítimas diretas e os perpetradores mais frequentes da maior parte das violências, também são os que mais as testemunham. A regularidade com que meninos já presenciaram alguém puxar arma de fogo é de 20,4%, enquanto 9,9% das meninas já testemunharam o mesmo ato.

Gráfico 25 – Violências testemunhadas por jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras no convívio social



*p <= 0,001.

**p <= 0,01.

***p < 0,05.

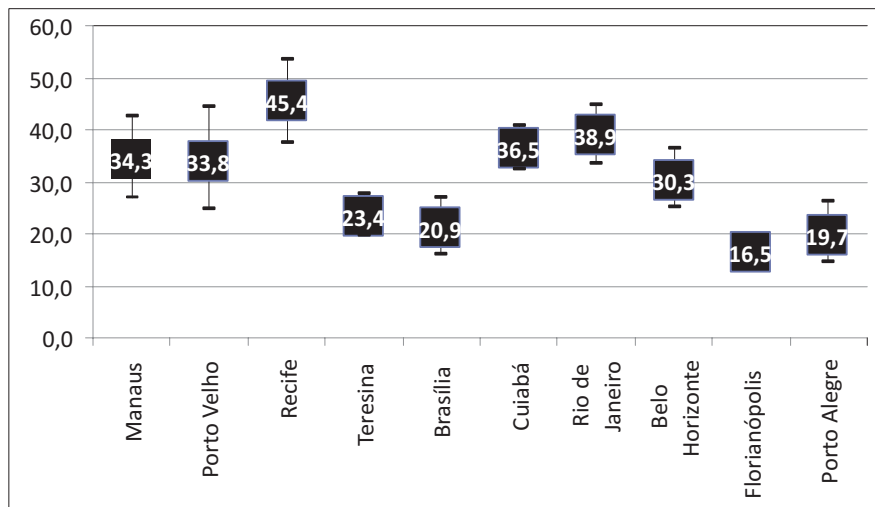
Os jovens do ensino público disseram ter testemunhado, mais que os das escolas particulares, pessoas serem esfaqueadas e já viram o corpo de alguém assassinado. No ensino privado, prevalecem os que já presenciaram pessoas ‘puxando fumo’ e roubos à mão armada.

A instituição escolar tem sido permeável à violência social, sobretudo em regiões marcadas pela presença do crime organizado e do narcotráfico. Zaluar (1985) tem

evidenciado não só o poder que lideranças criminosas exercem sobre o cotidiano dos moradores como também as múltiplas relações que decorrem de uma forma individualista de sociabilidade voltada para o consumo e que afetam, em particular, os segmentos juvenis. Também Cardia (1997), examinando os possíveis efeitos da violência na comunidade sobre a vida escolar em áreas marcadas por forte incidência de homicídios, aborda o clima de medo que invade as rotinas escolares. Na pesquisa de Cardia, constata-se que o ambiente dos bairros tende a atingir as escolas, onde são comuns as práticas de incivilidade, tais como brigas, agressões físicas e verbais.

Jovens de Manaus e Cuiabá relatam mais que os das outras cidades assistirem a todos os tipos de violência. Os estudantes das duas capitais da região Sul pesquisadas e de Belo Horizonte destacam-se por presenciarem mais pessoas ‘puxando fumo’ e vendendo ou comprando drogas. Chamamos a atenção para o elevado número de jovens que já viram o corpo de alguém assassinado, indicando sua exposição à violência fatal (Gráfico 26). Os que vivem na região Sul, em Brasília e em Teresina são os que menos informam ter testemunhado essas práticas, embora esses também apresentem percentuais entre 16,5% e 23,4% do total.

Gráfico 26 – Jovens (15-19 anos) de dez cidades brasileiras que viram o corpo de pessoa assassinada



Estudos sobre a violência na comunidade têm sinalizado uma necessidade de se compreender de que forma testemunhá-la nos diferentes ambientes sociais pode interferir na saúde mental de crianças e dos jovens. Bell e Jenkins (1993) observam que testemunhar tiroteios ou conflitos físicos nos locais de moradia está associado ao aumento de brigas entre alunos de escolas em comunidades consideradas de risco. Essa é uma forma de vitimização que pode ser tão danosa quanto a violência sofrida diretamente pelo jovem, e dependendo do significado que ele dá a essas experiências de exposição,

as consequências podem até ser mais graves do que maus-tratos e agressões físicas ou verbais direcionados ao adolescente (Evans, Davies & Dilillo, 2008).

A violência como forma de enfrentamento de conflitos no grupo de amigos

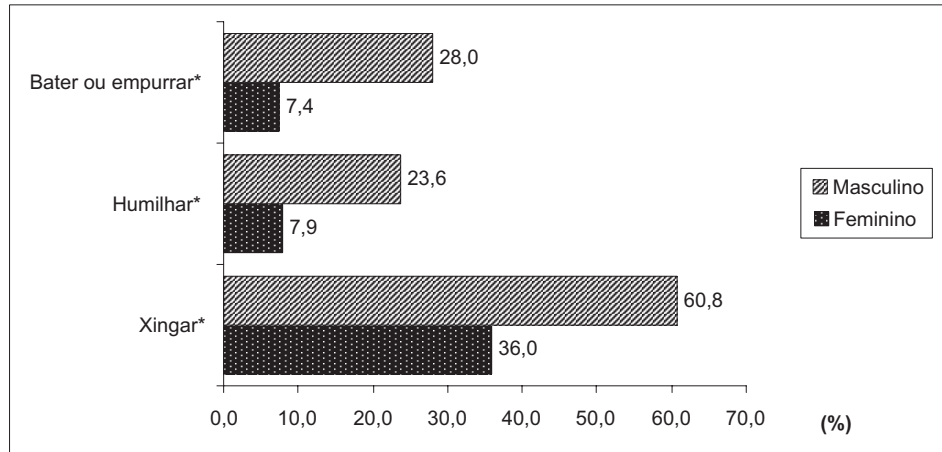
Especialmente na fase da adolescência as amizades são fundamentais, principalmente porque influenciam a forma de o jovem agir e reagir em diversas situações de vida. Ceconello e Koller (2000) destacam que o grupo de amigos favorece a competência social dos adolescentes, por estimular a aquisição de habilidades que propiciam a socialização e o desenvolvimento cognitivo e emocional. Além disso, esses relacionamentos, quando saudáveis, contribuem no aumento da capacidade do jovem para enfrentar positivamente as transformações inerentes a essa fase da vida e às adversidades no dia a dia.

Visando a avaliar a qualidade dos relacionamentos juvenis, perguntamos aos jovens de que forma costumam resolver os conflitos quando estão no convívio com seu grupo de amigos. Perguntamos se conversam a respeito, se falam mal uns dos outros, se humilham, se batem ou se eles se empurram mutuamente.

Quase todos afirmam conversar com os amigos sobre os problemas (99,2%). Ratificando este dado, 93,4% dos jovens, sem diferença de sexo e inserção em rede de ensino, informam ter bom relacionamento com amigos. Estudos sobre superação de adversidades, incluindo violências entre adolescentes de escolas públicas e privadas, indicam que aqueles que se mostram mais capazes de enfrentar os problemas da vida têm mais amigos e apresentam bom relacionamento. Ao contrário, os que têm um círculo de amizade restrito apresentam uma relação menos interativa, são mais reservados e têm mais dificuldade para enfrentar conflitos, sobretudo os que ocorrem no convívio (Assis, Pesce & Avanci, 2005).

Embora exista uma tônica de bom relacionamento afirmada pelos jovens entrevistados neste estudo, essa situação não é permanente, e existem momentos ou situações penosas, conflituosas e mesmo de violência que se manifestam de diferentes formas: psicológica (xingar e humilhar) e física (bater ou empurrar), sendo mais comum entre os rapazes (Gráfico 27). Estes disseram que costumam resolver os problemas por meios agressivos com mais frequência do que as meninas.

Gráfico 27 – Formas de resolução de conflitos (violência física e verbal) com grupos de pares assumidas por jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras*



* $p < 0,001$.

Segundo seus próprios depoimentos, os jovens das escolas particulares se utilizam mais de agressões psicológica e verbal (59,3%) contra os membros de seu grupo nos momentos de conflitos do que os do ensino público (40,4%). A violência psicológica e física na relação foi mais citada pelos estudantes de Porto Alegre e Brasília. Destacamos o costume de xingar o amigo em momentos de conflito por 74,2% e 57,3% deles, respectivamente.

O comportamento mais agressivo no namoro de jovens do sexo masculino seria influenciado pela cultura machista, pela pressão existente entre pares e pela necessidade de se sentirem parte da turma.

Relação entre violência na escola, na comunidade, no namoro e no 'ficar'

Malik (2008), ao avaliar a exposição de jovens à violência, mostrou que a vitimização e a perpetração de agressões na comunidade tendem a coocorrerem. Embora algumas características da vitimização sejam diferenciadas das que se correlacionam com a perpetração, o preditor mais importante para a ocorrência de ambas é a exposição à violência na comunidade. Partindo dos resultados encontrados por Malik (2008), indagamo-nos também se o conflituoso e agressivo comportamento relacional entre jovens parceiros afetivo-sexuais não seria influenciado pelo ambiente violento da comunidade.

Verificamos que os episódios de violências sofridas na comunidade mostram-se fortemente associados a todas as formas de violência que ocorrem nas relações afetivo-sexuais dos jovens (Tabela 20). O jovem que sofre violências na comunidade tende a ser 2,4 vezes mais vítima de violência física na relação com seu parceiro amoroso.

A relação existente entre violência sofrida na escola e experienciada na relação amorosa mostra-se mais tênue, sendo apenas identificada para a violência relacional (1,4

vez). Igual situação acontece no caso de violência comunitária vivenciada pelo jovem que se associa à presença de violência física sofrida na relação afetivo-sexual.

Destacamos que o jovem que comete alguma infração, aqui nomeado como transgressor, é também vítima de todas as formas de violência nas relações afetivo-sexuais. Os que sofrem violência relacional apresentam aproximadamente três vezes mais chances de ter praticado alguma transgressão do que os outros (Tabela 20).

Tabela 20 – Associações entre violências sofridas, praticadas e testemunhadas no espaço comunitário e ser vítima de violência no relacionamento afetivo-sexual. Jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras (*Odds Ratio* e intervalo de confiança)

| | V. física sofrida (IC ^{95%}) | Ameaças sofridas (IC ^{95%}) | V. sexual sofrida (IC ^{95%}) | V. relacional sofrida (IC ^{95%}) | V. verbal sofrida (IC ^{95%}) |
|---------------------------------|--|---------------------------------------|--|--|--|
| Jovem transgressor | 2,49 (1,93-3,22) | 2,03 (1,57-2,63) | 1,79 (1,38-2,31) | 2,97 (2,32-3,82) | 1,78 (1,12-2,81) |
| Jovem testemunha | 1,81 (1,06-3,11) | 1,42 (0,78-2,58) | 1,56 (0,97-2,51) | 1,21 (0,90-1,61) | 1,80 (1,00-3,23) |
| Violência sofrida na escola | 1,31 (0,91-1,89) | 1,33 (0,95-1,86) | 1,29 (0,96-1,72) | 1,43 (1,07-1,93) | 0,96 (0,67-1,37) |
| Violência sofrida na comunidade | 2,43 (1,73-3,42) | 1,89 (1,48-2,41) | 1,45 (1,14-1,84) | 2,19 (1,69-2,83) | 1,69 (1,27-2,26) |

Obs.: valores estatisticamente significativos aparecem em negrito.

Podemos verificar que os episódios de violências sofridas pelos jovens na comunidade também estão fortemente associados à violência perpetrada nas relações afetivo-sexuais (Tabela 21).

Não encontramos associação entre violências sofridas nas relações amorosas e violência vivenciada pelo jovem na escola. Já o adolescente que testemunha atos violentos costuma, com maior frequência, praticar ameaças, violência verbal e sexual. Jovens que perpetraram as várias formas de violência no namoro costumam ser mais transgressores. Os que transgridem normas sociais têm chance 2,8 vezes maior de serem perpetradores de violência nas relações amorosas.

Tabela 21 – Associações entre violências sofridas, praticadas e testemunhadas no espaço comunitário e prática de violência no relacionamento afetivo-sexual. Jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras (*Odds Ratio* e intervalo de confiança)

| | V. física perpetrada (IC ^{95%}) | Ameaças perpetradas (IC ^{95%}) | V. sexual perpetrada (IC ^{95%}) | V. relacional perpetrada (IC ^{95%}) | V. verbal perpetrada (IC ^{95%}) |
|---------------------------------|---|--|---|---|---|
| Jovem transgressor | 2,11 (1,31-3,39) | 1,98 (1,30-3,02) | 2,18 (1,63-2,91) | 2,84 (2,18-3,72) | 1,88 (1,29-2,73) |
| Jovem testemunha | 1,31 (0,82-2,10) | 1,71 (1,01-2,87) | 2,01 (1,25-3,22) | 1,05 (0,47-2,36) | 2,00 (1,22-3,30) |
| Violência sofrida na escola | 1,02 (0,82-1,26) | 1,03 (0,71-1,50) | 1,29 (1,00-1,69) | 1,46 (0,93-2,29) | 1,01 (0,73-1,41) |
| Violência sofrida na comunidade | 2,11 (1,46-3,06) | 1,86 (1,41-2,46) | 1,70 (1,31-2,20) | 1,95 (1,45-2,63) | 1,69 (1,38-2,07) |

Obs.: valores estatisticamente significativos aparecem em negrito.

As tabelas 20 e 21 nos levam a destacar o quanto sofrer diretamente violência comunitária está associado a vivenciar relações amorosas mais agressivas, seja como vítima, seja como agressor. Igual situação se aplica ao jovem que costuma transgredir normas sociais. A confluência entre vítima e agressor, evidenciada na fala a seguir, nos remete aos estudos que mostram o peso cultural da violência na socialização juvenil.

Um estudante comentou que os alunos desta escola [estadual de Cuiabá] já presenciaram um caso de ameaça de um rapaz de outra escola que estava armado para pegar um aluno desta escola por motivos aparentes de ciúmes por causa de uma moça, estudante também dessa escola. Mas ele somente ameaçou e saiu correndo. Os alunos ficaram muito assustados com este episódio. (Homem, escola pública, Cuiabá)

Sabemos pouco sobre a associação entre o efeito da exposição à violência na comunidade e o risco de o jovem se tornar vítima ou perpetrador de agressões nas relações íntimas. Halpern e colaboradores (2001) observaram que os efeitos dos fatores individuais e demográficos nas relações afetivas (raça, etnia, religião, divórcio dos pais, presença de madrasta ou padrasto na família) podem ser mediados por experiências de violência na família e na comunidade. No entanto, afirmam que as relações desses riscos potenciais com a violência que ocorre entre namorados são ainda pouco conhecidas.

Em contrapartida, Malik (2008) constatou que a exposição ou o testemunho de situações envolvendo armas e agressões físicas na comunidade têm sido importantes na associação com relacionamentos violentos entre namorados.

A VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

A importância da família no desenvolvimento saudável de seus membros é uma questão de fundamental relevância no estudo do desenvolvimento humano. A família tem

como função básica o apoio e a proteção de seus membros visando ao seu crescimento, desenvolvimento e bem-estar. A família saudável não está isenta de problemas, mas é a que tem maior capacidade para incentivar as potencialidades de cada um de forma positiva e em consonância com valores escolhidos e respeitados.

É crescente o número de estudos que investigam os efeitos adversos gerados pelos conflitos, desacertos e violências familiares na vida de crianças e adolescentes. E todos eles se voltam para ressaltar a importância de uma base familiar sólida para o desenvolvimento saudável no início da vida (Garmezy, 1991; Werner & Smith, 2001; Rutter, 1971; Bowlby, 1990). Quando a violência ocorre como forma de comunicação e vivência do grupo familiar, este deixa de ser um 'porto seguro' para o jovem e se torna um espaço de sofrimento e de geração de outros problemas.

As formas como os pais se relacionam entre si e com os filhos têm sido analisada como fator fundamental para a formação do comportamento do jovem. Segundo Lerner e Lerner (1993), existe associação entre o comportamento marcado pela raiva e pela hostilidade por parte dos jovens e as relações de interações familiares agressivas e punitivas. Mães com temperamento explosivo podem contribuir para formar filhos pouco tolerantes e conflituosos (Coplan, Reichel & Rowan, 2009).

Parte significativa dos jovens entrevistados nas dez capitais brasileiras relata relacionamento ruim ou regular com os irmãos (30%), com o pai (25,6%) e com a mãe (13,6%), sem distinções entre os sexos e entre as redes de ensino. Jovens de Porto Velho são os que referem pior relacionamento com os integrantes de sua família.

A liberdade de conversar abertamente com as crianças e os jovens sobre questões delicadas é uma forma de se observar o valor que a família dá ao diálogo, à formação crítica e ao desenvolvimento da autonomia com responsabilidade: 53,6% dos jovens relatam conversar livremente sobre sexo, 76,7% sobre drogas e 86,8% sobre amizades. Já a conversa sobre namoros ocorre mais por parte dos pais com as meninas (72,2%) do que com os meninos (62,3%). De forma geral, os adolescentes da região Sul têm mais liberdade para conversar com seus pais, e os de Teresina e Porto Velho são os que menos se expressam com eles.

No entanto, a comunicação entre gerações mostra-se desejada por muitos jovens:

Acho que tem um dado momento que a menina se torna moça e o moleque se torna um rapaz. E os dois já sabem como está o mundo hoje. Poxa, DST, droga, violência, prostituição e tudo! Eu, por exemplo, se eu fosse um pai, eu ia chegar para meu filho e explicar toda a situação que está o mundo e já ir preparando ele para quando tiver uma situação, ele já estar preparado e ele não correr o risco de ser lesado e de qualquer forma. E acho que uma conversa e um bom apoio familiar são fundamentais para que a pessoa esteja preparada para o mundo. (Homem, escola particular, Manaus)

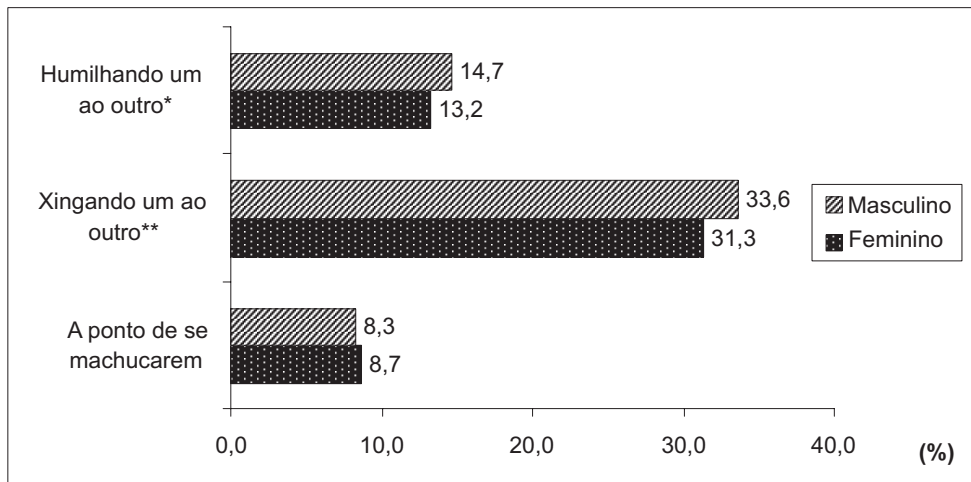
Em relação à supervisão e ao cuidado com o jovem, 92,2% das moças são acompanhadas pelos pais que sempre ou muitas vezes sabem aonde elas vão e com quem estão; percentual pouco inferior foi relatado pelos rapazes (86,7%). Apenas 0,9% dos jovens não se referem à supervisão dos pais.

O ambiente familiar em que vive o jovem é, portanto, essencial ao aprendizado da expressão de afeto e da forma como enfrentar conflitos. Estudos têm mostrado associação entre sofrer e praticar violência física e psicológica como forma de exteriorizar o modelo aprendido dentro do lar, o que acontece junto com o aprendizado das outras formas de levar a vida.

Violências entre irmãos

A relação entre irmãos, tradicionalmente, é conflituosa, pois, nas famílias, as diferenças, o suposto tratamento privilegiado ou os ciúmes costumam ser temas para desavenças. Neste estudo, verificamos que ‘xingar os irmãos nos momentos de brigas’ foi referido por cerca de 1/3 dos jovens entrevistados, seguindo-se a elevada frequência de práticas de humilhação mútua, sendo elas mais comuns entre os rapazes. Já as agressões físicas que chegam a machucar foram referidas por 8,5% dos jovens investigados, independentemente do sexo (Gráfico 28).

Gráfico 28 – Brigas entre irmãos reveladas por jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras



* $p < 0,01$.

** $p < 0,05$.

‘Brigas entre irmãos, xingando um ao outro e humilhando-se mutuamente’ são mais referidas por estudantes das escolas particulares. Os jovens de Cuiabá, Rio de Janeiro e Brasília são os que mais brigam (entre 9,4% e 10,7%). Os percentuais mais elevados dos irmãos que se xingam estão entre os escolares de Porto Alegre (52%) e Belo Horizonte (45,8%).

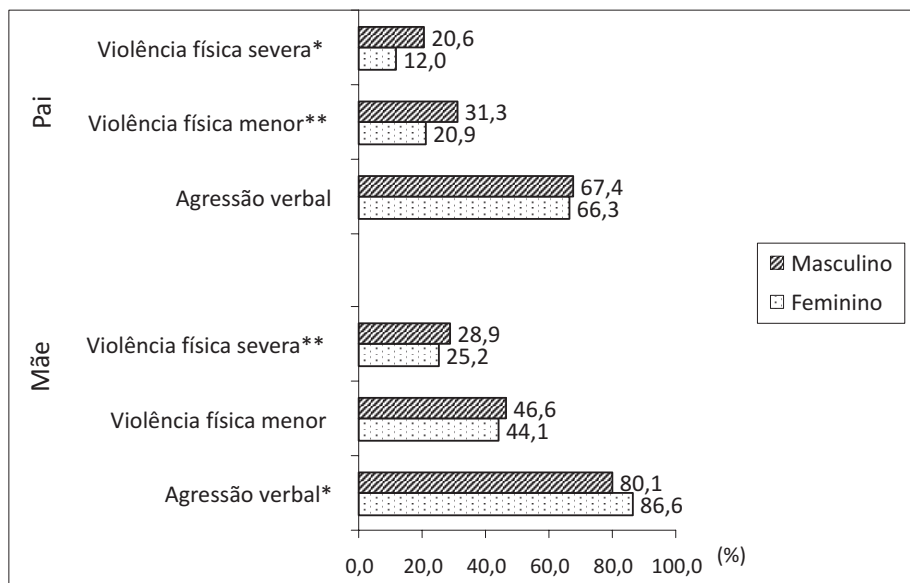
Em seus estudos, Assis, Pesce e Avanci (2005) dizem que a capacidade de o jovem se relacionar bem com seus irmãos é desenvolvida nas interações de negociação, de ouvir um ao outro, de efetuar críticas e de se desculpar. Adolescentes que se saem melhor no relacionamento fraterno têm mais capacidade e habilidade de se relacionar com desenvoltura e êxito fora do ambiente familiar e apresentam potencial maior de

resiliência. Por sua vez, os jovens que enfrentam de forma mais positiva os problemas consideram brigas, discussões e desentendimentos como conflitos que fazem parte dos relacionamentos e precisam ser equacionados positivamente.

Violências praticadas pelos pais contra o jovem

O Gráfico 29 apresenta os principais tipos de violência praticados pelos pais contra os jovens participantes do estudo. A maioria dos entrevistados diz sofrer agressão verbal por parte da mãe (84,2%), e as garotas são as maiores vítimas. Embora em menor percentual, mas bastante significativas, estão as agressões verbais praticadas pelo pai contra os meninos e as meninas, indistintamente. Os atos mais comuns são: xingar ou insultar, ficar emburrado, chorar, fazer coisas para irritar, destruir, bater ou chutar objetos.

Gráfico 29 – Violências dos pais sobre o jovem (15-19 anos) em dez capitais brasileiras



*p < 0,001.

**p < 0,01.

Os garotos sofrem mais violência física ‘menor’ e ‘severa’ praticada pelo pai do que as moças. A violência física ‘menor’ é definida por atos como jogar objetos, empurrar, dar tapas ou bofetadas; e a violência ‘severa’, como dar murros ou chutes, bater ou tentar bater com objetos, espancar, ameaçar e usar armas de fogo ou faca.

Muitas falas dos jovens revelam ressentimentos, especialmente quanto às agressões paternas:

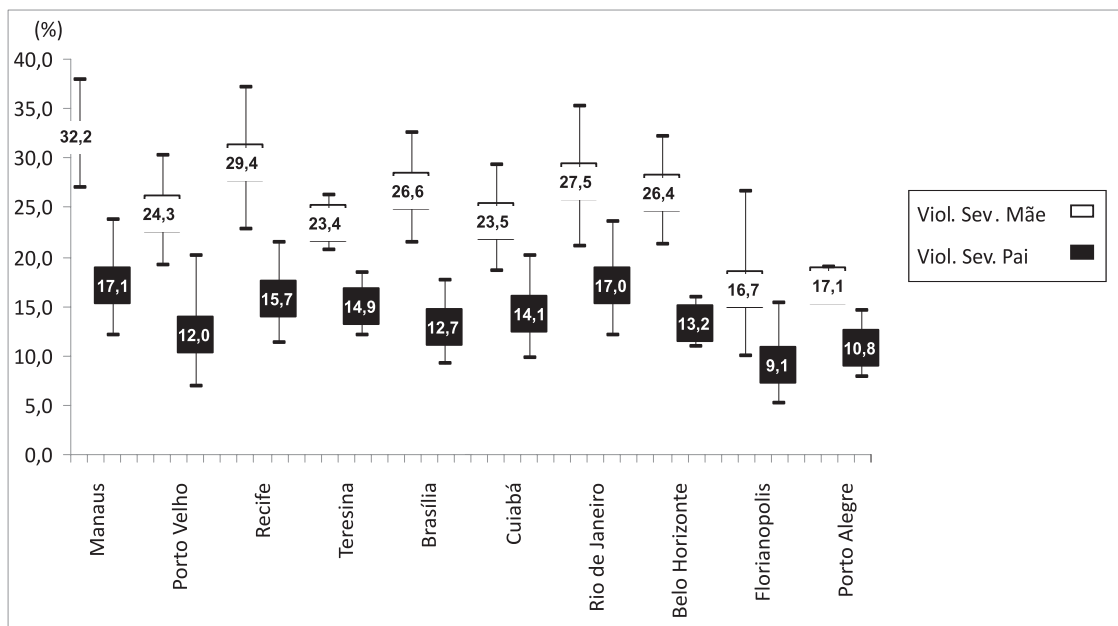
Meu pai me xinga todo dia. E é aquele monte de palavrão. Qualquer coisinha, por exemplo, se ele pede para eu comprar cigarro, se demoro o tempo que for, ele já me chama de filho da puta. É uma humilhação, você rebaixar a pessoa. Meu pai fica sempre me chamando de inútil por qualquer coisa. Isso é uma agressão. Ele depois sempre pede desculpa: ‘Ó meu filho, desculpa, não queria

faizer aquilo'. Então por que fez? Às vezes eu fico bravo, mas ele é meu pai! (Homem, escola pública, Cuiabá)

Meu pai, eu gosto assim de funk, ele acabou com as músicas do meu celular, pegou os meus CDs e falou assim: 'Ah! Música de prostituta!' Eu sinto como se ele estivesse me chamando de prostituta. Puxa, se eu curto aquele disco! Aí eu: 'Não, eu acho assim; eu gosto de funk'. Ele: 'É uma música de letra proibida'. Meu pai é evangélico. (Mulher, escola particular, Brasília)

Sofrer violência física cometida pelos pais é mais frequente entre os jovens da rede pública (27,9%) em comparação com os que estudam em escola particular (22,8%). O Gráfico 30 ressalta as formas de violência severa praticadas pelos pais dos entrevistados, destacadas por cidades. Mães praticam mais essa forma de violência do que os pais. As maiores frequências foram encontradas em escolares de Manaus e Recife. Entre os jovens das cidades da região Sul ocorrem os menores índices.

Gráfico 30 – Violência física severa dos pais sobre os jovens (15-19 anos) de dez cidades brasileiras



A violência física praticada pelos pais costuma ser justificada pelos filhos por estar vinculada ao amor e à necessidade que seus genitores têm de discipliná-los. Portanto, consideram-na um ato para seu próprio bem. Todavia, atrás da naturalização das agressões estão várias outras implicações, como o fato de as crianças e os jovens servirem de bode expiatório para as frustrações dos pais (Guerra, 1985), além dos traumas que lhes são causados e que por vezes são irreversíveis.

Não bateu forte, não. O pai chegou só a dar um tapa, um tapa na cabeça, mas não é nada assim de forte. Ele só ameaça bater: 'Ah, vou te bater e não sei o quê', mas bater mesmo, não. (Mulher, escola particular, Brasília)

Violência entre os pais

Tem havido bastante investimento em pesquisa para se compreender de que forma o testemunho da violência, especialmente na família, pode interferir na saúde mental de crianças e adolescentes. Essa forma de vitimização pode ser tão danosa como a violência dirigida expressamente contra eles. Dependendo do significado dado a tal experiência, as consequências podem até ser mais graves do que os maus-tratos físicos ou verbais sofridos pelos jovens (Evans, Davies & Dilillo, 2008). Neste estudo, constatamos que 7,5% dos jovens viram um dos pais (ou responsáveis) agredir o outro e machucá-lo, e 24,9% presenciaram humilhações proferidas mutuamente pelo casal. Essa experiência atinge rapazes e moças e não se diferencia conforme a rede de ensino. Há, porém, distinções entre cidades em que moram os estudantes: os de Manaus são os que mais testemunham violência física (14,2%) e psicológica (30%) entre pai e mãe. Os jovens de Florianópolis são os que menos citam a exposição aos dois tipos de violência (4,9% e 20%, respectivamente).

Muitas falas dos estudantes deixaram patente o sofrimento por conviverem em um ambiente agressivo entre seus pais, mas muitos outros mostram naturalidade ao tratar do assunto, especialmente no caso da mulher como vítima da violência familiar:

Um cara tinha batido na namorada dele, acho que ele tinha até tacado o capacete nela com toda a força. Mesmo assim, quando foi ver, ela ainda estava lá com ele de novo. Nós estávamos até falando, mulher que apanha e continua com o homem é porque gosta de apanhar. É porque gosta. Minha mãe já passou por isso e muito. Minha mãe tinha um namorado. Ela dava de tudo para ele, sapato, roupa, tudo. Ele batia nela tanto que um dia nós tivemos que bater nele, entrar no meio da briga. Minha tia está com um homem há três anos. Só que nesses três anos ela apanha, apanha, apanha, já quebrou bacia, braço, perna, já apanhou demais, demais. Uma vez ele bateu nela e, como nós estávamos numa festa de aniversário dela, a minha família entrou. Aí ele veio pra bater em todo mundo. Tem vezes que se você denunciar, a mulher que está apanhando acha ruim. Nós fomos denunciar ele e minha tia achou ruim. Ela não quis deixar! (Mulher, escola pública, Belo Horizonte)

A violência na convivência entre os pais ou responsáveis mostra que o uso de agressões verbais e físicas é comum em famílias de diferentes inserções sociais e regiões do país. Grych e Fincham (1990), revisando estudos sobre associação entre a prática de violência física entre os pais e problemas de comportamento na infância, mostram que a maioria deles considera que crianças expostas a esse tipo de violência estão sob maior risco de manifestarem problemas comportamentais, agressividade exacerbada e dificuldades em cumprir regras sociais. Nos relatos dos participantes deste estudo, observamos o mal-estar que as agressões entre os pais provocam nos jovens, e muitos consideraram que seria preferível que eles se separassem.

Meu pai e minha mãe já brigaram feio. Meu pai deu um murro na minha mãe, aí foi horrível. Minha mãe saiu de casa, mas voltou no mesmo dia. Mas assim é uma judiada, eu acho, já rolava briga. Eu vi, entendeu? Tanto é que eu tentava defender minha mãe, mas meu pai é muito nervoso,

ele é grandão, ele é grosso, acho que é o jeito dele. Aí fica todo mundo lá contra ele. (Mulher, escola particular, Brasília)

Eu me sinto muito culpada realmente por causa deles dois, porque às vezes parece que se não tivesse eu eles não estariam brigando. Eu falo assim: 'Mãe, eu preciso ir num lugar', e meu pai faz logo um escândalo porque não quer que eu vá. Aí eles começam a brigar. Meu Deus, se eu não tivesse pedido não teria acontecido isso. Mas foi só um pedido simples, eles não estão brigando por causa de mim! (Mulher, escola particular, Florianópolis)

Lá pelos meus sete anos, dava dó. Uma vez meu pai comprou uma estante novinha, daí eles [pai e mãe] começaram a brigar: 'Ah, sua vagabunda'. E ele quebrou a estante, quebrou tudo. Ele sempre está estressado. Até brincando, qualquer coisinha fala: 'Ah, sua puta!' (Homem, escola pública, Cuiabá)

Se separar, separou, o que importa é que eu tenho pai e mãe! Eu não vou ficar dando palpito, não vou chorar nem nada. Se separar eu não acho agressão, não! (Homem, escola pública, Rio de Janeiro)

Um dos jovens de Cuiabá fala da violência física como uma forma de comunicação que vem de gerações em sua família e do quanto isso o perturba.

Meu avô batia muito no meu pai, tanto que ele fugiu de casa com dezessete anos. Ele me contou vagamente. Eu sei que ele já foi preso algumas vezes com uns vinte e poucos anos, que já morou na rua em São Paulo, no Rio de Janeiro, daí ele veio parar aqui em Cuiabá, mexendo com sapateiro, e conheceu minha mãe. Engraçado é que, assim, vocês estavam falando de ciúmes e de problemas familiares, eles só ficam brigando por coisas materiais. Dinheiro. Uma vez brigaram até por causa de um cachorro. Eu pergunto para minha mãe por que eles continuam juntos e ela fala que é por causa de mim, mas eu acho que é mentira, porque olha meu tamanho? Eu não sou mais criança. E eu acho que apesar de todas as brigas eles se amam, porque quando não estão brigando, que é a maior parte do tempo, de noite ficam fazendo carinho, se beijando. (Homem, escola pública, Cuiabá)

Relações entre violências na família e nas relações de namoro e do 'ficar'

A reprodução de comportamentos violentos entre casais ao longo de gerações tem sido aspecto debatido na literatura, focalizando-se os modelos de aprendizagem social, indicando que comportamentos e condutas violentas podem estar na base da transmissão da violência intergeracional. Sujeitos que vivem em ambiente familiar agressivo e abusivo apresentam maior probabilidade de desenvolver comportamentos violentos no futuro ou de serem vítimas de violências nas suas relações afetivas.

Vários argumentos dos jovens apontam nessa direção. A Tabela 22 apresenta dados que informam sobre a violência psicológica na família e sua associação com a violência que o jovem sofre no namoro; a Tabela 23 mostra a mesma relação no que se refere à violência física na família de origem dos jovens. As tabelas 24 e 25 repetem os mesmos resultados, desta feita para tratar da violência perpetrada pelos jovens em seus relacionamento afetivo-sexuais.

- Jovens vítimas de violência nas relações afetivo-sexuais e violência familiar

Constatamos que as várias formas de ‘violência psicológica’ sucedidas nas famílias dos jovens encontram-se associadas a sua vitimização nas relações afetivo-sexuais (Tabela 22).

A violência psicológica entre irmãos, praticada por meio de xingamentos e humilhações, mostra-se associada à vitimização por violência física e relacional no namoro ou no ‘ficar’.

A agressão verbal da mãe e do pai contra o jovem mostra-se associada a diversas formas de violência psicológica nos relacionamentos afetivo-sexuais, o que sugere que o aprendizado de formas desrespeitosas nos encontros afetivos começa a instalar-se no ambiente familiar: quando um jovem é vítima de violência relacional e verbal do parceiro, há 2,6 vezes mais chances de ele ter sofrido agressão verbal por parte da mãe do que os outros que não viveram essa experiência. A violência psicológica entre os pais mostra-se associada à vitimização do jovem nas relações do namoro ou do ‘ficar’ (1,7 vez).

Tabela 22 – Associações entre sofrimento de violência psicológica na família e vivência de violência nas relações afetivo-sexuais. Jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras (Odds Ratio e intervalo de confiança)

| | V. física sofrida (IC ^{95%}) | Ameaças sofridas (IC ^{95%}) | V. sexual sofrida (IC ^{95%}) | V. relacional sofrida (IC ^{95%}) | V. verbal sofrida (IC ^{95%}) |
|--------------------------------------|--|---------------------------------------|--|--|--|
| Violência psicológica entre irmãos | 1,43 (1,15-1,77) | 1,41 (0,89-2,22) | 1,33 (0,93-1,88) | 1,76 (1,17-2,66) | 1,33 (0,96-1,84) |
| Agressão verbal da mãe sobre o jovem | 1,29 (0,79-2,11) | 1,69 (1,17-2,46) | 1,23 (0,75-2,04) | 2,61 (1,61-4,25) | 2,61 (1,70-4,01) |
| Agressão verbal do pai sobre o jovem | 1,27 (0,96-1,67) | 1,89 (0,86-4,18) | 1,67 (1,17-2,38) | 1,75 (1,28-2,41) | 2,20 (1,35-3,57) |
| Violência psicológica entre pais | 1,37 (0,93-2,02) | 1,19 (0,93-1,53) | 1,35 (0,84-2,18) | 1,70 (1,15-2,49) | 1,39 (0,86-2,22) |

Obs.: valores estatisticamente significativos aparecem em negrito.

O exemplo de uma menina que não se relaciona bem com sua mãe ilustra como os problemas familiares podem acentuar as dificuldades nas relações entre namorados.

Porque minha mãe já não conversava muito comigo, não falava nada, não conversava de jeito nenhum, e eu muitas vezes colocava muito ele [namorado] em primeiro lugar na minha vida. Então eu acabava deixando minha mãe ainda mais em último lugar porque a gente não se dá bem desde pequena, nunca tive relação assim de tipo abraçar. Até hoje, não tenho isso. Está melhorando assim, eu estou tentando com o tempo, mas com ele piorava ainda mais porque eu dava mais atenção para ele, ele era em primeiro lugar. Então isso atrapalhava, e aí ele brigava comigo. Eu tinha que contar para minhas amigas, e eu não tinha aquela opinião de pessoas mais velhas, da minha mãe, de alguém mais experiente. (Mulher, escola particular, Brasília)

A Tabela 23 mostra a relação entre sofrer ‘violência física’ no namoro ou no ‘ficar’ de forma simultânea à violência familiar. Observamos associação constante entre a agressão física dos pais contra os filhos e quase todas as formas de violência física, sexual e psicológica no namoro.

Podemos verificar que quase todas as expressões de violência sofrida pelos jovens estão associadas à violência física menor e severa praticada contra eles por ambos os pais.

Apenas violência física e relacional sofrida pelos jovens no namoro ou no ‘ficar’ mostra-se associada à violência entre irmãos. O testemunho de violência entre os pais é cerca de três vezes maior entre os jovens que sofrem violência relacional, comparados com os que não passam por essa experiência.

Tabela 23 – Associações entre sofrimento de violência nas relações afetivo-sexuais e vivência de violência física na família de origem. Jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras (*Odds Ratio* e intervalo de confiança)

| | V. física sofrida (IC ^{95%}) | Ameaças sofridas (IC ^{95%}) | V. sexual sofrida (IC ^{95%}) | V. relacional sofrida (IC ^{95%}) | V. verbal sofrida (IC ^{95%}) |
|-----------------------------------|--|---|--|---|--|
| Violência física entre pais | 1,39 (0,86-2,25) | 1,41 (0,66-3,02) | 1,89 (0,90-3,98) | 2,99 (2,05-4,38) | 1,22 (0,44-3,41) |
| Violência física entre irmãos | 1,63 (1,21-2,19) | 1,28 (0,89-1,89) | 1,16 (0,92-1,48) | 1,74 (1,29-2,34) | 0,80 (0,42-1,51) |
| Violência física menor da mãe | 2,17 (1,45-3,25) | 1,92 (1,55-2,37) | 1,82 (1,48-2,24) | 1,87 (1,22-2,88) | 2,57 (1,80-3,66) |
| Violência física menor do pai | 1,84 (1,41-2,39) | 1,61 (1,18-2,21) | 1,59 (1,18-2,15) | 2,19 (1,44-3,31) | 1,98 (1,40-2,79) |
| Violência física severa da mãe | 1,96 (1,43-2,67) | 1,89 (1,51-2,36) | 1,90 (1,46-2,47) | 1,89 (1,22-2,93) | 2,36 (1,51-3,70) |
| Violência física severa do pai | 2,52 (1,84-3,45) | 1,61 (1,12-2,32) | 1,91 (1,36-2,70) | 2,69 (1,68-4,32) | 1,40 (0,71-2,77) |

Obs.: valores estatisticamente significativos aparecem em negrito.

- Jovens perpetradores de violência nas relações afetivo-sexuais e violência familiar

A Tabela 24 mostra que especialmente a violência verbal perpetrada nas relações de namoro ou no ‘ficar’ está associada à violência psicológica que ocorre no âmbito familiar. A violência física que acontece no namoro é a segunda forma mais associada.

Podemos destacar ainda a proximidade da violência psicológica entre irmãos às formas variadas de violência nas relações afetivo-sexuais.

Tabela 24 – Associações entre a prática de violência nas relações afetivo-sexuais e a vivência de violência psicológica na família de origem. Jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras (*Odds Ratio* e intervalo de confiança)

| | V. física perpetrada (IC ^{95%}) | Ameaças perpetradas (IC ^{95%}) | V. sexual perpetrada (IC ^{95%}) | V. relacional perpetrada (IC ^{95%}) | V. verbal perpetrada (IC ^{95%}) |
|------------------------------------|---|--|---|---|---|
| Violência psicológica entre pais | 1,48 (1,00-2,20) | 1,43 (1,08-1,90) | 1,02 (0,69-1,51) | 1,85 (0,95-3,59) | 1,95 (1,24-3,07) |
| Violência psicológica entre irmãos | 1,71 (1,28-2,28) | 1,44 (0,91-2,27) | 1,46 (1,10-1,94) | 2,14 (1,31-3,50) | 1,50 (1,02-2,48) |
| Agressão verbal da mãe | 1,89 (1,11-3,24) | 1,98 (1,09-3,59) | 1,22 (0,81-1,85) | 1,58 (0,75-3,31) | 2,21 (1,73-2,81) |
| Agressão verbal do pai | 1,72 (1,31-2,24) | 2,08 (1,08-4,02) | 1,40 (0,98-2,01) | 1,74 (1,29-2,34) | 2,20 (1,25-3,89) |

Obs.: valores estatisticamente significativos aparecem em negrito.

A maioria das violências que acontecem no namoro ou no ‘ficar’ correlaciona-se às agressões psicológicas que incidem na família.

Observamos que jovens que perpetraram violência sexual e ameaças são os que mais sofrem violências físicas de seus pais e mais testemunham agressões entre eles e entre os irmãos (Tabela 25). Podemos destacar que quem perpetraram ameaças tem 2,1 vezes mais chances de ter sofrido violência física severa da mãe, em comparação com quem não teve tal experiência. Dos jovens que afirmam ter cometido violência sexual, a chance de eles terem sofrido violência severa do pai é 2,1 vezes maior do que aqueles que não passaram por tal situação.

Tabela 25 – Associações entre a prática de violência nas relações afetivo-sexuais e a vivência de violência física na família de origem. Jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras (*Odds Ratio* e intervalo de confiança)

| | V. física perpetrada (IC ^{95%}) | Ameaças perpetradas (IC ^{95%}) | V. sexual perpetrada (IC ^{95%}) | V. relacional perpetrada (IC ^{95%}) | V. verbal perpetrada (IC ^{95%}) |
|--------------------------------|---|--|---|---|---|
| Violência física entre pais | 0,89 (0,52-1,53) | 1,23 (0,79-1,92) | 1,66 (1,06-2,60) | 1,95 (1,17-3,28) | 1,25 (0,41-3,86) |
| Violência física entre irmãos | 1,84 (1,41-2,41) | 1,66 (1,17-2,36) | 1,38 (0,91-2,08) | 1,72 (1,22-2,43) | 0,99 (0,50-1,97) |
| Violência física menor da mãe | 2,06 (1,61-2,64) | 1,87 (1,63-2,15) | 1,51 (1,09-2,09) | 1,24 (0,72-2,14) | 2,34 (1,63-3,37) |
| Violência física menor do pai | 1,39 (0,91 - 2,12) | 1,89 (1,45-2,47) | 1,61 (1,26-2,06) | 1,32 (0,91-1,92) | 2,39 (1,32-4,33) |
| Violência física severa da mãe | 2,27 (1,57-3,28) | 2,14 (1,78-2,57) | 1,66 (1,22-2,25) | 1,49 (0,84-2,63) | 2,17 (1,27-3,71) |
| Violência física severa do pai | 1,86 (1,14-3,00) | 1,65 (1,17-2,33) | 2,08 (1,38-3,12) | 1,36 (0,87-2,15) | 1,56 (0,58-4,21) |

Obs.: valores estatisticamente significativos aparecem em negrito.

Alguns estudos reforçam os achados encontrados neste capítulo de inter-relação entre as formas de violência, embora ainda haja muito a ser investigado sobre os diferentes arranjos que acontecem (Bandura, 1973). Tais achados reforçam a hipótese de uma tendência de a pessoa maltratar ou ser maltratada quando ela cresce em contexto social violento. Portanto, a família, local de socialização primária, é também espaço em que os jovens apreendem os papéis desempenhados pelas figuras-modelo. Se nesse ambiente existem episódios agressivos e abusivos, a chance de que crianças, jovens e adultos os reproduzam é maior, potencializando-se, assim, a violência social (Minayo & Souza, 1997).

Oliveira e Sani (2009) dizem que os comportamentos socialmente aprendidos no meio familiar são frequentemente reproduzidos pelos adolescentes nos espaços extrafamiliares, configurando-se muitas vezes em atitudes de permissividade e violência nas relações de intimidade. Os adolescentes tornam-se, assim, transmissores culturais dessa conduta, que gera para si mesmos conflitos interpessoais e risco de se tornarem tanto agressores quanto vítimas, com a possibilidade de perpetuarem a violência intergeracional.

Estudo realizado por Halpern e colaboradores (2001) destaca que características individuais e contexto familiar associados a comportamentos como agressividade generalizada e abuso de substância leve ou grave são evidentes nas histórias de adolescentes perpetradores ou vítimas de violência entre pares. Exposição à violência na família de origem, associada a outros fatores ou dimensões relacionadas a práticas parentais inadequadas, como baixo nível de monitoramento, falta de regras e limites, provavelmente contribui para ampliação de conflitos em lugar de solucioná-los e para relações interpessoais conturbadas. Esses autores ressaltam ainda que as características e histórias pessoais das duas pessoas envolvidas em uma relação se combinam entre si para produzir relações violentas. Quando ambos acumulam riscos, a violência como resolução de conflitos torna-se uma prática com maiores chances de acontecer. No entanto, quando uma pessoa da relação está em menor exposição a tais situações, as chances de esse indivíduo interferir propondo processos interpessoais mais construtivos aumentam.

Importante também ressaltar que, segundo a ‘teoria da aprendizagem social’, jovens de famílias sem histórico de violência têm maior probabilidade de desenvolver modelos positivos nas relações, assim como formas mais eficazes de lidar com conflitos. Um passado familiar sem violência pode ser visto como um fator de proteção relativo a experiências relacionais futuras (Kwong *et al.*, 2003)

Alguns estudos comprovam que jovens com histórias de maus-tratos estão especialmente em risco de desenvolver dificuldades de relacionamento (Wekerle & Avgoustis, & 2003), tendo 3,5 vezes mais chances de se envolverem em violência doméstica quando adultos.

Wolfe e colaboradores (2001) ressaltam que maus-tratos familiares na infância têm uma correlação distal com a violência entre casais de namorados. No entanto, existem estudos que apresentam dados contraditórios, indicando que a violência parental também pode

reduzir a probabilidade de se experimentar ou perpetrar a violência em uma relação de namoro (Jackson, 1999).

Enfim, reitera-se que a associação entre violência na família de origem e a subsequente violência nas relações de namoro dos adolescentes é consistente, mas certamente não é a única forma de se explicar a transmissão desse problema social, indicando a limitação da teoria da aprendizagem social. Todos os seres humanos têm potencial de transformação, apesar das circunstâncias difíceis que vivenciaram. Uma parte significativa dos jovens que testemunha violência em suas famílias não pratica ou não é vítima de comportamentos violentos, o que pode ser resultado de características internas do sujeito e de condições sociais e culturais diferenciadas que lhe permitem agir de forma distinta à que foi exposto no passado.

Neste capítulo, ressaltamos que a socialização dos jovens em um ambiente comunitário e familiar violento tem o potencial de torná-los mais vulneráveis a cometer agressões contra seus parceiros afetivo-sexuais e a adotar a violência como uma forma de comunicação com o parceiro afetivo. Para os que vivem em tal situação, geralmente a base da violência foi estruturada e organizada na infância e é ativada e potencializada na adolescência (Earls, Cairns & Mercy, 1993).

A violência comunitária mostrou-se próxima ao cotidiano dos jovens estudantes das redes pública e privada e muito disseminada nas capitais pesquisadas. Dentre os locais em que mais foi citada essa forma de violência estão as capitais das regiões Norte (especialmente Manaus), Nordeste e Centro-Oeste (com exceção de Brasília).

Também a violência familiar cerca o dia a dia dos jovens em geral: tanto a violência causada pelos pais quanto a que o jovem testemunha entre eles. Destaca-se a maior prevalência de violência física cometida pelos pais de jovens das escolas públicas. Estudo similar com adolescentes de uma cidade do Rio de Janeiro não mostrou diferenciação desse tipo de violência entre os alunos de escolas públicas e particulares (Assis, Pesce & Avanci, 2005). Já um estudo qualitativo realizado em Porto Alegre (RS) evidenciou que a punição física grave por parte dos pais, frequente ou ocasional, ocorreu entre os jovens de escolas públicas, praticamente duas vezes mais que entre os jovens de escolas particulares (Meneghel, Giugliani & Falceto, 1998). Ainda existe escassez de estudos dessa natureza, e as distintas metodologias utilizadas dificultam comparações analíticas.

Observamos ainda que os jovens estão expostos a importantes fatores de risco e constatamos que, para muitos, são escassos os fatores de proteção. Os fatores de risco culturais, familiares e individuais se tornam mais potentes para os jovens com poucas possibilidades de ajuda em seu entorno.

Contudo, ressaltamos que a vivência da violência em diferentes contextos está associada às diversas formas conflituosas e abusivas que ocorrem na relação afetivo-sexual,

mas não é diretamente responsável por elas. Fatores de risco mais específicos, como participar de grupos de amigos conflituosos, prática disciplinar muito rígida e ríspida dos pais e certas características pessoais são cruciais e podem afetar mais diretamente o jovem (Furman, Brown & Feiring, 1999).

A capacidade de superação de experiências de violência, sobretudo ajudada por redes sociais de apoio, é fator de proteção importante para o desenvolvimento dos jovens. A resiliência na adolescência vem de características temperamentais e do fortalecimento do sistema básico de proteção do indivíduo. Especialmente na juventude, a superação de adversidades se constrói por meio de relacionamentos construtivos dentro e fora da família e da comunidade. Portanto, a combinação positiva entre o estímulo ambiental e os recursos pessoais do jovem é capaz de propiciar a interrupção do ciclo da violência em que muitos cresceram e vivem (Luthar & Ziegler, 1991).

Assim, um ponto importante que não foi diretamente abordado neste capítulo e que precisa ser considerado no comportamento afetivo-sexual violento são as características psicológicas dos adolescentes. A agressividade, a impulsividade não contida e os problemas de baixa autoestima interagem dinamicamente com o ambiente, induzindo ao comportamento violento e antissocial (Bronfenbrenner, 1996). O jovem com problemas de controle da agressividade encontra dificuldades para modelar suas emoções e tem tendência para atribuir aos outros as causas de seus problemas e insucessos. Encontramos associação entre pouca flexibilidade e dificuldade nos relacionamentos por parte dos jovens e sentimentos de abandono e de sofrimento causados por problemas de violência sofridos na infância (Furman, Brown & Feiring, 1999).

Enfim, os vários problemas de socialização que ocorrem nessa etapa da vida no âmbito familiar, comunitário e escolar, aliados aos apelos dos diversos contextos sociais em que os jovens vivem, criam a possibilidade de relacionamentos afetivo-sexuais violentos que, certamente, são potencializados em virtude de características individuais agressivas. Em nenhum momento podemos nos distanciar do peso da cultura tradicional de relação entre os gêneros que, embora travestida de muitas roupagens novas, continua a ditar os parâmetros que asseguram o machismo e o patriarcalismo também nas práticas relacionais entre os jovens, evidenciando comportamentos que se perpetuam ao longo da história.